

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

José Lourenço de Sant'Anna Filho

## **INIMIGOS DA LUZ**

A antifilosofia no jornal brasileiro *A Voz da Religião*.

Brasília-DF

2013

José Lourenço de Sant'Anna Filho

## **INIMIGOS DA LUZ**

A antifilosofia no jornal brasileiro *A Voz da Religião*.

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado em História, sob a orientação da professora Doutora Tereza Cristina Kirschner. Data da defesa oral: 04/09/13. Membros da banca examinadora: Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo, Prof. Dr. Marcos Aurélio de Paula Pereira e Profa Dra. Tereza Cristina Kirschner.

**Brasília-DF**

**2013**

## **Dedicatória**

À minha mãe, Suely Dias.

## **Agradecimentos**

O processo de criação de uma monografia é árduo. A elaboração do trabalho que fecha o ciclo inicial de uma carreira acadêmica enfrenta diversos obstáculos. Felizmente, os percalços são amenizados pelo apoio imensurável de familiares, amigos e profissionais que nos dedicam sua atenção e paciência. Agradeço imensamente à minha mãe, Suely Dias, por não ter medido esforços para que este projeto fosse possível, agradeço também ao meu pai, José Lourenço de Sant'Anna, *in memoriam*, que deixou-me o seu legado, pelo qual sempre me guio.

No âmbito acadêmico, agradeço à professora Tereza Cristina Kirschner, sem a qual este projeto não seria possível. Durante seus cursos ministrados na Universidade de Brasília, pude conhecer a antifilosofia. Suas indicações de leitura, conselhos e a sua minuciosa correção deste texto foram imprescindíveis. Seu rigor como educadora e pesquisadora, foram fundamentais para a minha formação acadêmica. Nas horas difíceis, pude contar com a sua amizade que me deu forças para concluir esse projeto. Agradeço também aos professores do departamento de História da Universidade de Brasília, Tiago Gil, Daniel Faria e Susane Oliveira.

Meus sinceros cumprimentos aos amigos que me auxiliaram nessa jornada, sempre me apoiando nos momentos difíceis. Pude contar com a presteza de muitos que me incentivaram nessa trajetória, muito obrigado.

## **Resumo**

A monografia examina o jornal *A Voz da Religião*, publicado em Pernambuco na primeira metade do século XIX pelo padre Francisco José Tavares da Gama. O texto analisa as idéias divulgadas no periódico concluindo que o mesmo pode ser considerado representante da antifilosofia no Brasil imperial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antifilosofia, Voltaire, Espinosa, Rousseau.

## **Sumário**

Introdução.....	7
Capítulo 1. A Voz da Religião: a antifilosofia no Brasil.....	11
Capítulo 2. A filosofia irreligiosa: do Deísmo ao Ateísmo.....	17
Capítulo 3. Os inimigos da Luz: a filosofia religiosa.....	26
Conclusão.....	29
Referências.....	31

## Introdução

A antifilosofia<sup>1</sup> foi um movimento de crítica ao Iluminismo, que surgiu na França ao longo do século XVIII.<sup>2</sup> Paralelamente às publicações dos textos dos filósofos surgiram opiniões contrárias a algumas ideias defendidas pela filosofia ilustrada como principalmente, as de razão e natureza. De acordo com a interpretação dos antifilósofos, os iluministas publicavam textos contra a Igreja Católica, a fé e as Sagradas Escrituras.

Essas críticas tiveram ampla divulgação no meio intelectual europeu do século XVIII. Contudo, essa literatura não foi tão pesquisada como os textos dos filósofos. Em 1939, Robert Palmer dissertou acerca da relação entre as ideias iluministas e católicas.<sup>3</sup> Isaiah Berlin publicou, em 1970, um artigo utilizando a expressão “Counter-Enlightenment”. Berlin examinou a antifilosofia em sua manifestação posterior à Revolução Francesa.<sup>4</sup> Recentemente, alguns historiadores como Darrin McMahon, Didier Masseau, Jonathan Israel, Graeme Garrander e Zeev Sternhell têm se dedicado a pesquisar a antifilosofia em suas manifestações anteriores e posteriores à revolução.<sup>5</sup>

No período anterior à revolução, surgiram jornais e livros com o intuito de atacar a filosofia das Luzes. Calcula-se que mais de duzentos mil livros foram impressos com esse objetivo.<sup>6</sup> Havia, inclusive, prêmios patrocinados pela *Société des Amis de la Religion et des Lettres* destinados aos melhores trabalhos que defendessem a religião.<sup>7</sup> Os jornais *Année Littéraire*, *Journal Historique et Littéraire* e o *Journal Ecclésiastique*, eram os principais

---

<sup>1</sup> *Anti-philosophe* era a expressão usada pelos contemporâneos. Optou-se pela tradução dessa expressão, evitando o emprego de anti-iluminismo.

<sup>2</sup> Emprega-se o termo Iluminismo, no singular, para se referir ao movimento de idéias que ocorreu na Europa setecentista, embora a historiografia mais recente sobre o tema questione a expressão e defenda o uso do termo Iluminismos, no plural.

<sup>3</sup> PALMER, Robert. **Catholics and Unbelievers in Eighteenth-Century France**. Princeton: Princeton University Press, 1939.

<sup>4</sup> BERLIN, Isaiah. **The Counter-Enlightenment**. In: BERLIN, Isaiah. **Against the Current**. Essays in the history of ideas. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

<sup>5</sup> GARRANDER, Graeme. **Rousseau's counter-Enlightenment**. A republican critique of the philosophes. New York: State University of New York Press, 2003, ISRAEL, Jonathan I. **Radical Enlightenment**, philosophy and the making of modernity 1650-1750. Oxford: Oxford University Press, 2001, MASSEAU, Didier. **Les ennemis des philosophes**, l'antiphilosophie au temps des Lumières. Paris: Éditions Albin Michel, 2000 McMAHON, Darrin M. **Enemies of the Enlightenment**. The french Counter-Enlightenment and the making of modernity. Oxford: Oxford University Press, 2001 e STERNHELL, Zeev. **The anti-enlightenment tradition**; tradução de David Maisel. Yale University: 2010.

<sup>6</sup> McMAHON. **Enemies of the Enlightenment**, p. 24.

<sup>7</sup> *Ibid.*

responsáveis pela disseminação das ideias antifilosóficas na França.<sup>8</sup> O jornalista Élie Catherine Fréron, por exemplo, teceu comentários severos ao pensamento de Voltaire, acusando-o de covarde, malfeitor e miserável.<sup>9</sup> Alguns professores da Sorbonne temiam que os textos dos *philosophes* minassem a fé religiosa e a autoridade constituída.<sup>10</sup> O *status* social que os *philosophes* alcançaram na França, ao receberem cargos públicos, frequentarem os grandes salões, as academias literárias e científicas, provocou a reação de pessoas ligadas a alguns círculos intelectuais da sociedade, sobretudo porque, segundo os antifilósofos, os maiores inimigos da religião não deveriam ser laureados dessa maneira.

A literatura antifilosófica era composta, em sua maioria, por textos produzidos por homens ligados à Igreja. Embora houvesse, no âmbito da antifilosofia, alguns homens dedicados ao comércio e alguns nobres, predominaram os religiosos. Os abades Gaultier, Chaudon e Yvon, por exemplo, publicaram textos criticando, explicitamente, as ideias defendidas pelos filósofos. O abade Gaultier criticou severamente os textos de Montesquieu, alegando que seu livro era um perigo para o Estado e para a Igreja e deveria ser censurado.<sup>11</sup> O abade Chaudon, por sua vez, criticou o *Dicionário Filosófico* de Voltaire e publicou, em resposta, o *Dictionnaire anti-philosophique* em 1767.<sup>12</sup> Já o abade Yvon, que mesmo tendo colaborado na *Encyclopédie*, em 1751, com os verbetes *athée* e *âme*, não hesitou em criticar Rousseau.<sup>13</sup>

A eclosão da Revolução Francesa assinalou uma aproximação do pensamento dos antifilósofos com as ideias contra-revolucionárias.<sup>14</sup> De acordo com a interpretação de alguns antifilósofos do período pós-revolucionário, a Revolução Francesa expressava uma punição de Deus contra todos aqueles que haviam blasfemado contra o seu santo nome. Deus estava vingando-se de toda incredulidade do “Século Filosófico”.<sup>15</sup> O francês Joseph de Maistre foi um dos primeiros a interpretar as causas da Revolução por esse viés: como punição divina.<sup>16</sup> Outro antifilósofo pós-revolucionário, o abade Augustin Barruel, entendeu que a Revolução Francesa havia sido resultado de um “complô” preparado pelos filósofos.<sup>17</sup> Barruel não foi o único a interpretar a Revolução dessa perspectiva; o religioso Jean-Baptiste Gaultier também

---

<sup>8</sup> *Ibid.*

<sup>9</sup> *Ibid.*, p.24.

<sup>10</sup> *Ibid.* p.21.

<sup>11</sup> GAULTIER, L'abbé Jean-Baptiste. **Les Lettres persanes convaincues d'impiété**, 1751. In: GUYAUX, André. **Mémoire de la critique**. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003.

<sup>12</sup> MASSEAU. **Les ennemies des philosophes**, p. 25.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 25

<sup>14</sup> McMAHON. **Enemies of the Enlightenment**, p. 56.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p.57.

<sup>16</sup> MAISTRE, Joseph. **Considerations on France**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

<sup>17</sup> McMAHON. **Enemies of the Enlightenment**, p. 59.



apoiava essa ideia.<sup>18</sup> Essa interpretação teve uma repercussão tão ampla no período pós-revolucionário que houve, inclusive, censores do Vaticano que se apropriaram dela, e concluíram que o objetivo dos *philosophes* era destruir o Antigo Regime.<sup>19</sup>

As críticas ao pensamento ilustrado não ficaram restritas à França, e, tampouco, ao século XVIII. Houve manifestações desse pensamento em diversas partes da Europa, e encontram-se ecos também na América. Temporalmente avançaram no século XIX, tendo sempre como referência a Revolução Francesa.

No Brasil, o jornal católico *A Voz da Religião*, editado pelo padre Francisco José Tavares da Gama, pode ser considerado um exemplo do que se convencionou chamar, desde o século XVIII, de antifilosofia.<sup>20</sup> Criado em Recife em 1846, era distribuído aos domingos e continha sonetos, salmos, reflexões sobre a importância da religião, artigos e crônicas de autoria do padre e de outros religiosos. No jornal encontram-se, também, traduções de textos publicados originalmente no jornal francês *L'Ami de la Religion*.

Os artigos de *A Voz da Religião* constituem o objeto dessa monografia. Em um primeiro momento, a atenção estará voltada para as críticas que o padre Tavares da Gama dirigiu a alguns representantes da filosofia ilustrada. Embora ele tenha criticado vários ilustrados, como por exemplo David Hume, Kant, Montesquieu, Diderot, d'Alembert e Schelling, este trabalho limitar-se-á às críticas dirigidas a dois autores: Espinosa e Voltaire. Espinosa foi interpretado pelo padre como o pai de uma literatura “athea” e Voltaire, por sua vez, como o precursor de uma literatura repleta de “hum deísmo sem pudor.”<sup>21</sup> Tanto Espinosa como Voltaire são autores polêmicos e alvos de distintas interpretações.

Como observou Jonathan Israel, Espinosa tornou-se um filósofo maldito, embora tenha sido mais criticado do que compreendido. Suas ideias ficaram conhecidas nos séculos XVII e XVIII como “espinozismo”, expressão que sinalizava alerta para todos os cristãos.<sup>22</sup> Suas ideias tornaram-se um desafio para a fé e para a autoridade da Igreja e poderiam, segundo os cristãos em geral, ter consequências nefastas na esfera da política. Quanto a Voltaire, o seu deísmo foi alvo de ataques dos católicos.

No segundo momento, analisar-se-á a apropriação peculiar que o padre fez de alguns aspectos do pensamento do filósofo francês Jean-Jacques-Rousseau, reconhecido por ele como um filósofo importante e que, ao lado do antifilósofo Joseph de Maistre, havia contribuído para propagar ideias religiosas. Todas essas críticas e apropriações tinham por

<sup>18</sup> MASSEAU. *Les ennemies des philosophes*, p. 21.

<sup>19</sup> McMAHON. *Enemies of the Enlightenment*, p.63.

<sup>20</sup> *A Voz da Religião*. Recife: Typ de Santos & Companhia, 1846-1850.

<sup>21</sup> Discurso do Cardial Paca. *A Voz da Religião*, Recife, n.9, p.7-9, mar. 1846. p. 7.

<sup>22</sup> ISRAEL. *Radical Enlightenment*, p. 3-22.

objetivo corroborar as assertivas acerca da importância da Religião Católica, da fé, da Revelação e da leitura das Sagradas Escrituras.

Como fontes primárias serão utilizados, além dos artigos de *A Voz da Religião* e alguns exemplares da *Revista do Instituto Histórico de Goianna* <sup>23</sup>, alguns textos dos filósofos selecionados.

---

<sup>23</sup> ALMEIDA, Raposo de. **Elogio Historico do conego da capella imperial Francisco José Tavares da Gama lido em sessão especial do instituto historico de Goianna.** In: **Revista do Instituto Histórico de Goianna.** Tomo Primeiro. Goianna: Typographia Comercial. 1871.

## 1. *A Voz da Religião*: a antfilosofia no Brasil.

No Brasil, a apropriação de algumas idéias ilustradas deu-se, em grande parte, por intermédio de uma elite intelectual da colônia que tinha contato com a literatura europeia. Muitos funcionários régios, ao serem transferidos para a colônia, traziam consigo ideias ilustradas a respeito da razão e da natureza. Essas ideias e, ao mesmo tempo o debate em torno delas, estenderam-se ao século XIX.

No Rio de Janeiro, o jornal *O Patriota* divulgou algumas das novas ideias e contribuiu para a sua circulação no império por meio da imprensa.<sup>24</sup> A divulgação dessas ideias incomodou parte dos intelectuais brasileiros, sobretudo os eclesiásticos. Os homens ligados à Religião Católica temiam que a leitura dos textos de Voltaire, de Montesquieu e dos Enciclopedistas ocupassem o lugar das Sagradas Escrituras e que a influência do pensamento desses filósofos tornasse-os mais atraentes do que as instruções eclesiásticas.<sup>25</sup> Alguns periódicos como *O Catholico* e *O Amigo dos Homens* surgiram nesse contexto, com o intuito de reintroduzir alguns valores cristãos na sociedade.<sup>26</sup>

O jornal *A Voz da Religião* é um bom exemplo do empenho, por parte de religiosos, em divulgar os danos que a razão poderia causar quando desvinculada da fé e da Revelação. “*A Voz da Religião* deve ecoar pelos quatro ventos” pois considerava-se um dever dos homens da religião alertar para os perigos que os livros cheios de “hum deísmo sem pudor” podiam causar.<sup>27</sup>

*A Voz da Religião* surgiu porque o cônego Tavares da Gama sentia que a sociedade estava sendo ameaçada por uma “seita philosophica”.<sup>28</sup> A proliferação dos livros ilustrados, vendidos a baixos preços, facilitava a divulgação dos debates filosóficos europeus que colocavam à prova alguns conceitos caros ao catolicismo.<sup>29</sup> Os perigos da influência da filosofia das Luzes deveriam ser combatidos: “bem persuadidos de que no actual estado da sociedade, em que com tanto empenho se propagação as luzes, em todos os ramos, não deve ser

---

<sup>24</sup> KURY, Lorelai (org). **Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota (1813-1814)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

<sup>25</sup> O padre Tavares da Gama manifesta essa preocupação ao longo dos artigos do jornal *A Voz da Religião*.

<sup>26</sup> Não se pode afirmar se esses dois periódicos contribuíram para disseminação das ideias antfilosóficas no Império do Brasil. Entretanto, o padre Tavares da Gama creditou a esses dois jornais a motivação para criar seu próprio jornal.

<sup>27</sup> Continuação do discurso do Cardial Paca. **A Voz da Religião**, Recife, n.9, p.7-9, mar. 1846. p. 7.

<sup>28</sup> Terceiro Character da Religião Catholica. **A Voz da Religião**, Recife, n.9, p. 3-5, mar. 1846. p. 3.

<sup>29</sup> Continuação do discurso do Cardial Paca, p. 7.

indiferente a propagação das ideias religiosas [...]”.<sup>30</sup> Esse posicionamento situa o periódico no conjunto de textos considerados antifilosóficos.

O redator Tavares da Gama era um homem ilustrado; conhecia a literatura iluminista, as Sagradas Escrituras, o direito canônico e eclesiástico.<sup>31</sup> O padre lia os textos dos filósofos iluministas com desvelo, preocupado em compreender o raciocínio dos autores. Ao longo de seus escritos, Tavares da Gama destacava o que considerava importante nos textos, mas era o que considerava equívocos cometidos pelos filósofos que ganhavam mais espaço nos artigos do seu periódico. Esses equívocos, em sua opinião, eram cometidos porque os filósofos construía seus argumentos com base apenas na exegese da razão.<sup>32</sup> Essa pretensão ignorava a importância de alguns aspectos fundamentais para o raciocínio e o conhecimento: a Revelação divina. De acordo com o padre, pretender que a razão fosse mais explanatória do que Deus era temerário e esse era um dos maiores erros dos filósofos.<sup>33</sup>

Posto que os novos systemas que se pretendem fazer passar com o titulo de *philosophicos*, estabelecção como única base dos conhecimentos humanos a *razão pura* e o exame livre, sem admitirem revelação, sem reconhecerem authoridade: posto que huma nova, pretendida philosophia tudo intente crear de novo: o mundo, a verdade, a Religião, e até mesma philosophia, como se até agora nada estivesse dfinido: posto que huma philosophia de pura abstracção leve o seu requintado idealismo a ponto de divinisar o nada, e reduzir o Christianismo a huma vã fantasmagoria: posto em fim que o orgulhoso philosophismo, no ultimo excesso de seus delirios, queira submeter o mesmo Deos à razão: a verdadeira philosophia, sem deixar de ser o que he, não pode deixar de reconhecer os limites que a razão deve conter-se, não póde deixar de assentir ás luminosas e convincentes provas da verdade do Christianismo.<sup>34</sup>

Mas os escritos do padre não se resumiam a críticas. Ele também ressaltava os aspectos que considerava positivo nos textos filosóficos. E citava alguns filósofos “irreligiosos” como exemplo de “testemunhos não suspeitos” a respeito de alguns assuntos.<sup>35</sup>

<sup>30</sup> Prospecto. **A Voz da Religião**, Recife, n. 1, p.1-3, jan. 1846. p. 1.

<sup>31</sup> ALMEIDA. **Elogio Historico do conego da capella imperial Francisco José Tavares da Gama lido em sessão especial do instituto historico de Goianna**. In: **Revista do Instituto Histórico de Goianna**, p. 115.

<sup>32</sup> Prospecto, p. 1.

<sup>33</sup> O Catholicismo. **A Voz da Religião**, Recife, n.4, p. 1-3, jan. 1846. p. 1.

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> O Culto Catholico. **A Voz da Religião**, Recife, n.242, p. 259-261, ago. 1850. p. 260.

Ao mencionar a importância das cerimônias religiosas, por exemplo, o padre cita uma passagem de “hum dos mais afamados escriptores encyclopedistas”: Diderot. Segundo o padre Tavares da Gama, as palavras que se seguem, são de autoria do enciclopedista em seus *Ensaio sobre a Pintura*.<sup>36</sup>

Os absurdos rigoristas em materia de religião não conhecem qual he o effeito das cerimonias externas sobre o povo. Nunca viram a nossa adoração da Cruz em sexta feira santa, o entusiasmo da multidão no dia do Corpo de Deos, entusiasmo que tambem ás vezes se me communica. Quando eu via as longas alas de padres com as vestes sacerdotaes [...] quando ouvia o canto grave e pathetico entoado pelos ecclesiasticos, e respondido affectuosamente por huma infinidade de vozes de homens, de mulheres e de crianças, sepre as minhas entranhas se abalaram e commoveram, sempre me vieram as lagrimas aos olhos.<sup>37</sup>

De acordo com um texto de Manuel Frayssinous, traduzido e publicado pelo padre, a religião deveria consistir a base de uma sociedade. Uma comunidade que se construísse sob os dogmas e preceitos cristãos seria mais harmoniosa.

No *Espírito das Leis* Montesquieu tributou brilhantes homenagens à feliz influencia do Christianismo; e na obra mais profundamente pensada, que sahiu da sua pena, observa, que o epicurismo, que se introduzira na Republica Romana havia preparado a sua decadencia.<sup>38</sup>

Essas citações, e muitas outras que se encontram no jornal, mostram como Tavares da Gama apropriava-se de alguns aspectos do pensamento ilustrado para embasar suas ideias sobre a importância do cristianismo. Com o objetivo de criticar ou elogiar os textos filosóficos, os autores franceses eram os mais citados. Sabe-se que uma das principais referências do redator de *A Voz da Religião* era o jornal católico francês *L'Ami de la Religion*, constantemente citado nos artigos do periódico.

A França tão ilustre como christã, brilha entre todas as nações. Ella não tem actualmente de que se envergonhe como outrora, quando os povos lançavam em rosto, que a impiedade dos seus sábios tinha originado as suas desgraças

<sup>36</sup> DIDEROT, Denis. **Ensaio sobre a pintura**. Campinas: Papirus, 1993. *apud*. PANORAMA, do. O Culto Catholico. p. 260.

<sup>37</sup> O Culto Catholico. **A Voz da Religião**, p. 261.

<sup>38</sup> FRAYSSINOUS, Manuel. Os Princípios Religiosos considerados como fundamentos da sociedade [De feza do Christianismo]. **A Voz da Religião**. n.158, p.4-6, jan. 1849. p. 4.

e as da Europa: hoje ella se compraz e com razão se ufana, qual mãe amorosa no meio de seus filhos, ouvindo publicar o mérito e a gloria que os distingue. E na verdade que nação deixará de invejar-lhe os Chateaubriand, os Bonald, os de Maistre, os Bolland, e outros de igual renome?<sup>39</sup>

Os conhecimentos sobre filosofia foram adquiridos pelo padre Tavares da Gama ainda na juventude, em Pernambuco. Seu professor, o historiador José Bernadino Sena ministrou-lhe aulas de filosofia, história e latim, dando prosseguimento aos seus estudos iniciados em Portugal, no Collegio dos Nobres.<sup>40</sup>

O padre Tavares da Gama nasceu na freguesia de Santos-o-Velho, Portugal, e embora não existam muitas informações a respeito de sua vida, seu amigo, o padre Raposo de Almeida, proferiu um discurso um mês após sua morte no qual reuniu diversas informações sobre a vida do cônego.<sup>41</sup> No discurso intitulado *Elogio Historico do conego da capella imperial Francisco José Tavares da Gama lido em sessão especial do instituto historico de Goiana*, publicado pela revista do mesmo instituto, localizado em Pernambuco, Raposo de Almeida apresenta toda a trajetória da vida do padre, desde a sua infância em Lisboa até sua morte, aos oitenta anos, em Pernambuco.<sup>42</sup>

Sua família era abastada e consta que era descendente do navegador Vasco da Gama.<sup>43</sup> O pai de Francisco José Tavares da Gama, o comerciante José Tavares da Gama, era cavaleiro e professor, filho do capitão mor da Ilha do Faial. Sua mãe, Dona Maria Germana de Jesus, filha do médico do paço real, Antonio José Monteiro.<sup>44</sup> Sua família, desde muito cedo, preparou o jovem Francisco para tornar-se um comerciante e continuar os negócios da família. Contudo, ao interessar-se pela carreira eclesiástica, seu pai “boamente condescendeu com sua louvavel inclinação e desde logo começou a ser chamado de padre na família.”<sup>45</sup> Não está claro o motivo da vinda da família Tavares da Gama ao Brasil. O amigo do cônego, Raposo de Almeida, sugeriu algumas possibilidades.

Ou fosse por causa do abalo que na Europa havia produzido a Revolução Franceza e que tanto influiu em Portugal ou fosse por outra razão de familia

<sup>39</sup> Destinos do Christianismo. *A Voz da Religião*, Recife, nº 188-190, ago.1849. p. 242.

<sup>40</sup> ALMEIDA. *Elogio Historico do conego da capella imperial Francisco José Tavares da Gama lido em sessão especial do instituto historico de Goiana*, p.90.

<sup>41</sup> *Ibid.*

<sup>42</sup> *Ibid.*, p.83

<sup>43</sup> *Ibid.*

<sup>44</sup> *Ibid.*, p.91.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p.92

o negociante José Tavares da Gama deliberou deixar a praça de Lisboa e mudar-se para a de Pernambuco o que efectivamente realizou em 1804 entre os meses de fevereiro a agosto trazendo consigo toda a família e inclusive o menino Francisco.<sup>46</sup>

Em Pernambuco, o padre Tavares da Gama construiu uma carreira de prestígio. O padre ocupou os cargos de provisor e de secretário no bispado pernambucano.<sup>47</sup> Raposo de Almeida pontua o excelente trabalho de Tavares da Gama à frente desses cargos.

[Tavares da Gama] deu provas incontestáveis de que era sufficientemente versado na sagrada theologia no direito canonico e no ecclesiastico e que mesmo tinha muitas noções praticas do direito civil e politico sobre tudo possuia a proficiencia de um illustrado secretario que aliás não podia ser como foi se não tivera cabal conhecimento de todas estas disciplinas.<sup>48</sup>

Sua vasta erudição em diferentes áreas do conhecimento rendeu-lhe uma vaga na cadeira de filosofia em sua Congregação, em Recife. Suas aulas foram tão influentes que mesmo após deixar o cargo – por motivos desconhecidos – permaneceu ministrando cursos de filosofia em sua própria casa, tendo diversos discípulos das mais altas “reputações litterarias ou políticas do país”.<sup>49</sup> Um de seus mais proeminentes alunos, o político e escritor pernambucano José da Natividade Saldanha Marinho, dedicou em seu livro um poema ao seu ilustre professor.<sup>50</sup>

Embora tenha sido um homem versado nas “belas artes”, Tavares da Gama não deixou grande produção bibliográfica, apenas os artigos que compõem o jornal *A Voz da Religião*.<sup>51</sup> No jornal pode-se observar as opiniões do padre sobre diferentes assuntos: filosóficos, políticos e religiosos. Suas reflexões giram em torno da preocupação com a influência, cada vez mais significativa, da filosofia, considerada por ele, irreligiosa. Com essa preocupação em mente é que o padre analisa textos de Espinosa e Voltaire, destacando, sobretudo, os aspectos negativos dessa filosofia, tanto no que se refere à moral, como ao sistema político e religioso.

---

<sup>46</sup> *Ibid.*, p.91.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p.115

<sup>49</sup> *Ibid.*

<sup>50</sup> SALDANHA, Jozé da Natividade. **Poemas oferecidos aos Amantes do Brazil por seu autor Jozé da Natividade Saldanha, natural de Pernambuco, e estudante do terceiro ano de leis na Universidade de Coimbra.** Coimbra: 1822.

<sup>51</sup> ALMEIDA. **Elogio Historico do conego da capella imperial Francisco José Tavares da Gama lido em sessão especial do instituto historico de Goianna**, p. 115.

Ênfase é dada à crítica do deísmo e do ateísmo.



## 2. A filosofia irreligiosa: do deísmo ao ateísmo.

Nessa segunda parte do trabalho objetiva-se compreender de que forma o padre Tavares da Gama compreendeu Espinosa e Voltaire. Para tanto, o padre recorreu a diversos textos de outros jornais para auxiliá-lo nas suas reflexões sobre o pensamento desses dois filósofos.<sup>52</sup> A ligação que existe entre Espinosa – autor do século XVII – e Voltaire – autor do século XVIII – repousa em dois aspectos. Em primeiro lugar, Tavares da Gama considerava ambos responsáveis pela proliferação da literatura irreligiosa que, em sua opinião deveria ser combatida. Em segundo lugar, esses dois autores eram representativos do ateísmo e do deísmo, respectivamente. Voltaire representava o deísmo, e Espinosa o ateísmo. Esses dois filósofos teriam propagado ideias contrárias à Igreja, e, portanto, o eclesiástico considerava-as anti-cristãs.<sup>53</sup>

Ao criticar Voltaire, o símbolo máximo do iluminismo francês, e Espinosa, o autor que criticou diversos aspectos da bíblia ainda no século XVII, Tavares da Gama posiciona-se de forma bem clara contra filosofias que pretendiam orientar-se apenas pela razão.

Segundo Tavares da Gama, ao conduzir-se apenas pela razão, essas duas “seitas philosophicas” esqueciam-se da orientação dada pelo Evangelho, pelos eclesiásticos e pela Revelação. Embora defendessem a crença em um Deus, os deístas negavam a Revelação. Segundo o padre, ao renegar alguns aspectos do Cristianismo, o deísmo aproximava-se, cada vez mais, da total negação da religião, característica dos ateus.

Ao deismo succedeu o atheismo, e os atheos empregam contra a Providencia de Deos, na ordem natural, os mesmos argumentos de que os deistas tinham usado contra a Revelação, e contra a mesma Providencia, na ordem sobrenatural. E que outro devia ser o resultado dessa espantosa serie de desvarios, senão o septicismo a incredulidade, o indifferentismo em fim, que igualmente approva todas as religiões, porque nenhuma admite? Eis aqui as funestissimas consequencias da pretendida reforma! [...].<sup>54</sup>

Na visão de Tavares da Gama, o deísmo não era uma religião e sim uma opinião.<sup>55</sup> Essa “opinião” era defendida pelos filósofos como uma “religião natural” que norteava-se

<sup>52</sup> Textos dos jornais *l'Ami de la Religion* e do *Jornal da Sociedade Catholica* auxiliaram nas reflexões do padre Tavares da Gama.

<sup>53</sup> O Racionalismo. **A Voz da Religião**, Recife, n.72, p.154-156, mai. 1848. p. 154.

<sup>54</sup> Consequências da Reforma Protestante. **A Voz da Religião**, Recife, n.53, p. 1-4, jan, 1847. p. 4.

<sup>55</sup> O Indifferentismo. **A Voz da Religião**, Recife, n.97, p. 353-356, nov. 1847. p. 353.

pela razão para entender a natureza de Deus. Dentro da lógica deísta não poderia haver a Revelação divina. Tavares da Gama foi enfático na crítica ao deísmo: “Não he possível entender-se em que sentido possa chamar-se *religião natural* huma religião que nunca existio em lugar algum do mundo, e que só deve a sua invenção a philosophos illustrados desde a infancia pela revelação christã.”<sup>56</sup>

Em *A Voz da Religião*, Voltaire é caracterizado como o principal difusor das ideias deístas, isto é, uma corrente de opinião que se mostrava contrária a diversos aspectos do cristianismo, a saber:

[...] Muitas são as especies de deistas. Huns rejeitando, absolutamente toda a Revelação, sustentão que em materia de religião, como em tudo o mais, o homem não deve seguir senão as luzes da sua razão. Outros não duvidão de affirmar que J. Christo foi suscitado por Deos para dar aos homens melhores lições do que as ensinadas pelos sabios que havião precedido. Alguns disserão que não rejeitavão nem admittião positivamente a Revelação [...].<sup>57</sup>

Não havia, dentro dos defensores dessa “opinião”, uma homogeneidade de pensamento. A razão guiava-os na sua relação com Deus e com a natureza, mas como? Essa questão foi tema de um artigo dedicado ao deísmo.<sup>58</sup> O padre questiona: “o que entendem elles por essa imaginada religião natural?”<sup>59</sup> Como a religião natural guia-se unicamente pela razão, sem admitir a Revelação? Os deístas “dizem que” sua religião natural “he o culto que a razão humana, *deixada a si mesma*, nos ensina que devemos dar a Deos.”<sup>60</sup> O padre conclui:

Mas a razão humana jamais foi deixada a si mesma, e isto só poderia verificar-se em hum selvagem abandonado desde o seu nascimento, e entregue unicamente à companhia das fêras. Qual seria porem a religião de huma creatura humana, reduzida dest’arte à estupidez dos brutos?<sup>61</sup>

Para esclarecer seus argumentos, o padre reúne alguns preceitos caros aos deístas e pretende demonstrar que o deísmo não passava de “hum systema de irreligião.”<sup>62</sup>

<sup>56</sup> Deísmo. *A Voz da Religião*, Recife, n.58, p. 41-43, fev. 1847. p. 41.

<sup>57</sup> O Socianismo. *A Voz da Religião*, Recife, n.57, p. 33-35, jan. 1847, p. 33.

<sup>58</sup> Deísmo, p. 41.

<sup>59</sup> *Ibid.*

<sup>60</sup> *Ibid.*

<sup>61</sup> *Ibid.*

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 42.

Digamos pois que o deísmo he a doutrina daquelles que admittem hum Deos sem o definir, hum culto sem o determinar, huma lei natural sem a conhecer, e que rejeitam a revelação sem a examinar. Não he mais do que hum sytema de irreligião mal organizado, ou o privilegio de crer e de fazer tudo o que pede a vontade. Não se cuide por tanto que os deístas tenham argumentos em que o possam fundar; elles não tem senão objecções contra a Religião, e quasi todas se reduzem a hum sophisma, tão capcioso como o restante da sua doutrina.<sup>63</sup>

Como já foi mencionado, Voltaire é um dos representantes da filosofia deísta. Segundo o jornal *A Voz da Religião*, ele foi o maior representante da “seita irreligiosa deísta”. Voltaire foi criticado por ter enganado todos os seus leitores com falácias.<sup>64</sup> Consta que no seu leito de morte, Voltaire teria negado tudo o que havia escrito sobre o deísmo. Segundo Tavares da Gama, isso confirmaria que as ideias deístas defendidas por Voltaire eram bastante frágeis, pois nem o seu maior divulgador conseguiu mantê-las até o fim.<sup>65</sup>

Voltaire atacou a Igreja durante toda a sua vida. Segundo um artigo traduzido e publicado no jornal: “A Religião e a Igreja ainda são atacadas de todos os lados por huma multidão de inimigos”<sup>66</sup>. Entre esses inimigos estava Voltaire e outros filósofos que “se esforço por seduzir todas as classes.”<sup>67</sup> Um artigo publicado pelo *Jornal da Sociedade Catholica* e reproduzido no número 17 de *A Voz da Religião*, procurou demonstrar que toda a perniciosidade de Voltaire foi desmascarada no leito de sua morte. Voltaire que “nos dias do seu triumpho, e da sua falsa gloria, os que admirão o seu talento, e a sua fecundia, a sua intrepidez, e as suas blasfemias [...]”<sup>68</sup>, agora, no seu leito, viam esse filósofo renegar seus escritos. A verdade estava cobrando seus direitos a Voltaire, que havia enganado e “alienado” muitos homens.

Que terrivel espectaculo! Que importante lição! Ainda há pouco aquella bocca sacrilega vomitava imprecações, e blasfemias contra o Christo do Senhor, e agora, sentindo-se ferido pela sua Omnipotente Dextra, e próximo a submergir-se nessa eternidade tremenda, e assombrosa, agitado pela sua consciência afflitca, e consternada e fluctuando entre desesperação, e a

---

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>64</sup> Voltaire no Leito da Morte. **A Voz da Religião**, Recife, n.17, p. 5-6, abril. 1846, p. 5.

<sup>65</sup> *Ibid.*

<sup>66</sup> Continuação do discussão do Cardial Paca. Recife, n.9, p.7-9, mar. 1846. p. 7.

<sup>67</sup> *Ibid.*

<sup>68</sup> Voltaire no Leito da Morte. **A Voz da Religião**, Recife, n.17, p. 5-6, abril. 1846, p. 5.

confiança, recorre ao Ceo, invoca o Nome Augusto daquelle, que em suas cartas, em suas obras, e em seus discursos appllidava *infame!!!*<sup>69</sup>

Esse dia, no qual Voltaire renunciou tudo aquilo que havia defendido, era uma prova cabal da fragilidade do deísmo, sua orientação filosófica.

Vio-se jamais no mundo algum discipulo do Evangelho, que, havendo dirigido a sua conducta pelos seus preceitos e pelas suas maximas, se tenha arrependido, nos ultimos momentos de sua existencia, de haver acreditado as verdades que elle ensina, e observado os preceitos que elle impõe? Vio-se algum Christão, que, devorado pelos remorsos, intentasse abjurar a sua crença, quisesse passar da profissão da Fé Catholica à profissão da incredulidade? Nem até aqui se vio, nem jamais se verá similhante phenomeno.<sup>70</sup>

No caminho da “irreligião”, o próximo passo, a partir do deísmo, era o ateísmo, que negava a Revelação, como o deísmo, mas, também, a própria existência de Deus. Para Tavares da Gama, o ateísmo “não he essencialmente senão a plenitude do erro.”<sup>71</sup> Segundo seu entendimento, Espinosa, autor do século XVII, havia sido o principal difusor dessa “seita irreligiosa”.

Em seus escritos, Espinosa tratou de assuntos polêmicos à época, sobretudo ao propor, a separação entre o Estado e a Igreja. Ele também iniciou debates importantes à filosofia moderna: as reflexões sobre as Sagradas Escrituras como um conjunto de alegorias morais e suas considerações a respeito da substancialidade de Deus, são um exemplo.<sup>72</sup>

Os argumentos de Espinosa iam diametralmente contra as concepções judaico-cristãs, embora ele tenha se formado na tradição judaica ao frequentar a Escola Árvore da Vida e a Academia da Coroa e da Lei.<sup>73</sup> O seu interesse por lógica, medicina e metafísica, consideradas “ciências profanas” despertou a preocupação dos dirigentes da Academia que o convocaram a dar explicações sobre o envolvimento com tais ciências. Espinosa teve de submeter-se a intenso interrogatório, cujo objetivo era demonstrar seu ateísmo. Após esse interrogatório,

---

<sup>69</sup> *Ibid.*

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>71</sup> Consequências da Reforma Protestante. **A Voz da Religião**, Recife, n.53, p. 1-4, jan, 1847. p. 1.

<sup>72</sup> Essas reflexões de Espinosa estão distribuídas entre suas obras.

<sup>73</sup> CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinosa, vida e obra**. In: ESPINOSA, Baruch. **Espinosa, os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 4.

Espinosa foi excluído da comunidade judaica e, mesmo que o seu “ateísmo” não tenha sido provado, foi sob esse rótulo que Baruch de Espinosa ficou conhecido em boa parte da literatura dedicada à sua obra.

Suas formulações a respeito de Deus também contribuíram para a atribuição do qualificativo de ateu a Espinosa. Contudo, ele jamais refutou a existência de um Deus. Em sua opinião, “Deus” não poderia ser reduzido à explicações e formulações que tentassem restringir a concepção desse Ente.

Há quem imagine que Deus, à semelhança do homem, é composto de corpo e de alma, sujeito a paixões, mas das demonstrações precedentes resulta quanto tais pessoas estão longe do conhecimento de Deus. Deixo-as, porém, de lado, pois todos os que têm considerado, por pouco que seja a natureza divina, negam que Deus seja corpóreo; o que provam muitíssimo bem [...].<sup>74</sup>

Espinosa conclui sobre a substância divina: “[...] fora de Deus não pode haver nem ser concebida nenhuma substância, donde concluímos que a substância é um dos atributos infinitos de Deus.”<sup>75</sup> Marilena Chauí ajuda-nos a compreender essa questão central no pensamento de Espinosa.

[...] Espinosa afirma que Deus é matéria e não um puro espírito como sempre foi afirmado pela filosofia. [...] Amplia até o ponto extremo a ideia de total homogeneidade entre Deus e a Natureza e, portanto, das leis divinas e naturais. Por outro lado, ao afirmar que o pensamento é um atributo de Deus, afirma a total inteligibilidade do real, não podendo haver nada que deixe de ser compreensível. Entre outras coisas, essa afirmação destrói definitivamente a noção do milagre e da vontade divina.<sup>76</sup>

Espinosa entendia que Deus e a natureza eram uma só substância, inseparável. Tavares da Gama, para combater essa afirmação, traduziu e publicou um texto do jornal francês *l'Ami de la Religion*.

Accusados de confundir Deos com a natureza, tem protestado contra esta accusação, mas não tem podido demonstrar que ella seja falsa. Para separar

<sup>74</sup> ESPINOSA, Baruch de. **Ética, demonstrada à maneira dos geômetras**. In: ESPINOSA, Baruch de. **Espinosa, os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p.166-167.

<sup>75</sup> ESPINOSA. **Ética, demonstrada à maneira dos geômetras**, p. 167.

<sup>76</sup> CHAUI. **Espinosa, vida e obra**, p.15

as suas doutrinas do pantheismo, huns, depois de terem estabelecido os principios desse erro monstruoso, negão arbitrariamente as consequencias; outros preconizando alternativamente Spinosae, Hégel, Descartes e Leibnitz, tem seguido direcções as mais contrarias, persistindo sempre em sustentar que são Christãos e Catholicos.<sup>77</sup>

Tavares da Gama, ao escrever a respeito da corrente filosófica denominada racionalista, da qual, segundo seu entendimento, Espinosa era o maior representante, conclui que Espinosa era, na realidade, um ateu.<sup>78</sup>

Spinoza pode ser considerado como o primeiro fundador da escola racionalista. Nos seus escriptos, especilamente nas suas cartas, encontra-se o germen das doutrinas anti-christãs e impias que acabamos de indicar. He verdade que o principio do livre exame e a negação de toda a authoridade em materia de fé [...].<sup>79</sup>

A superstição, para Espinosa, era um artifício que os homens, através da imaginação, criavam para entender as questões do Universo. Segundo sua interpretação, o homem forjou uma imagem de Deus ao antropomorfizá-lo, e a tradição judaico-cristã limitou a sua existência. A imaginação fomentava, segundo Espinosa, a imagem de um “ser supremo e todo-poderoso, que existiria fora do mundo e o controlaria segundo seu capricho”.<sup>80</sup> Essa projeção em um ser supremo e em um Deus com características humanas levaria o homem a compreender, de forma não racional, a existência dessa substância – Deus – . O medo perante o desconhecido seria “a causa que origina, conserva e alimenta a superstição.”<sup>81</sup>

Segundo Tavares da Gama, a qualificação das tradições cristãs de culto, adoração e leitura da Bíblia como superstições por parte de Espinosa, era simplesmente absurda.

Sem fundamento se diz que para distinguir o que he ou não he superstição, deve consultar-se a razão. Se consultarmos a razão dos incredulos, a maior parte nos dirão que todo o *culto* he supersticioso, e quando não affirme que não há Deos, dirão pelo menos que elle não exige de nós culto algum. Os fundadores das differentes seitas [...] seguiram, sem duvida, as luzes da sua

<sup>77</sup> Reflexões do Senhor arcebispo de Paris. **A Voz da Religião**, Recife, n.89-90, p.292-294, set. 1847. p. 292. [l'Ami de la Religion].

<sup>78</sup> *Ibid.*

<sup>79</sup> O Racionalismo. Recife, n.72, p.154-156, mai.1848. p. 154.

<sup>80</sup> CHAUI. **Espinosa, vida e obra**, p. 10.

<sup>81</sup> ESPINOSA, Baruch de. **Tratado teológico-político**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 6.

razão.<sup>82</sup>

Espinosa, e boa parte dos filósofos considerados racionalistas, tinham uma visão da bíblia como “alegorias morais”. A respeito dessa assertiva o padre Tavares da Gama alertava:

[...] huma escola de pretendidos doutores ou theologos, que à força de quererem fazer concordar as Santas Escrituras com eles apellidão – a Sciencia da nossa epocha – acabaram reduzindo-as a não conterem senão huma serie *d'allegorias* e de *mythos* (fabulas) desprovidas de todo o valor historico e sobrenatural.<sup>83</sup>

O entendimento de Espinosa a respeito das Sagradas Escrituras era categórico. Em carta enviada à Wilhelm Blyenbergh, ele suscitou algumas questões que seriam aprofundadas posteriormente em seu livro *Tratado Teológico-Político*.<sup>84</sup>

Afirmo que, embora não atribua às Escrituras o tipo de verdade que pareceis querer encontrar nelas, contudo, creio que reconheci sua autoridade tanto ou até mais do que os outros e fui muito cauteloso do que outros que se acautelam para não introduzir nelas opiniões pueris ou absurdas que ninguém pode fornecer, a menos que tenha compreendido extremamente bem a filosofia ou que tenha tido revelações divinas. Por isso não me perturbo muito com as explicações que certos teólogos vulgares dão das Escrituras, sobretudo se são daquela laia que se consagra à mera letra e ao sentido exterior. Nunca encontrei entre os teólogos, [...], algum tão crasso que não compreendesse que as Escrituras falam de Deus dum modo humano e que exprimem seu sentido por meio de parábolas.<sup>85</sup>

Para Tavares da Gama, essa compreensão das Sagradas Escrituras era infundada, pois não se compreendia as Escrituras pela razão e sim pela fé e pela Revelação. Os filósofos racionalistas empenharam-se em relacionar as Sagradas Escrituras às leis naturais do universo, “a fim de extrahirem dos livros Santos – huma doutrina moral e racional conforme á sciencia.”<sup>86</sup> O padre conclui que.

<sup>82</sup> Culto Religioso. **A Voz da Religião**, Recife, n. 138, p. 267-268, ago, 1848. p. 267.

<sup>83</sup> Racionalismo. **A Voz da Religião**, Recife, n.72, p.153-155, mai. 1847, p. 153.

<sup>84</sup> ESPINOSA. **Tratado teológico-político**.

<sup>85</sup> ESPINOSA, Baruch de. **Espinosa, os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (carta a Wilhelm Blyenbergh, provavelmente entre 21 de janeiro e 19 de fevereiro de 1665). p. 542

<sup>86</sup> O Racionalismo. **A Voz da Religião**, Recife, n.72-73, mai. 1847. p. 2.

De Espinosa pois he que nasceu a interpretação da Biblia pelos phenomenos naturaes: porque elle affirmava que tudo o que se contem nos livros revelados, se tinha passado de hum modo conforme ás leis estabelecidade no universo. Assim, por exemplo, pelo que pertence aos Evangelhos, elle não admittia, *segundo a lettra*.<sup>87</sup>

A razão humana, segundo Tavares da Gama, é incapaz de compreender a realidade divina. O padre, com o objetivo de combater a primazia da razão, publicou o artigo *A Religião Christã he a principal Obra da Sabedoria de Deos*, assinado pelo padre Duro, no qual discute a inútil tentativa do uso da razão para compreender as questões divinas.

Seria isto querer que o finito pudesse compreender o infinito; cousa que ainda os mais habéis Philosophos não tem emprehendido, por temerem ficar, como diz S.Paulo, confundidos em suas mesmas idéas. Para darmos disto algumas provas, observemos os planos mais famosos que o homem tem formado nesta materia, e não encontraremos nellas mais que delirios da razão.<sup>88</sup>

Apesar de suas críticas, o padre Tavares da Gama não rejeitava a importância da razão. Da Gama entendia que a razão era importante para compreender alguns aspectos sobre o mundo e sobre as ciências. Entretanto, o padre preocupava-se com a defesa da predominância da razão em detrimento da fé. Em sua opinião, deveria haver um equilíbrio entre a razão e a fé, e quando o homem estivesse em dúvida, deveria recorrer sempre à fé e às Sagradas Escrituras.<sup>89</sup>

O homem moderno, consta em um artigo, com todo o seu conhecimento sobre os astros e sobre os metais, não pode “só com o socorro das luzes da razão [...] chegar ao seio da Divindade”.

Usa da razão o atheista, quando não quer por hum lado reconhecer hum Deos que existe eternamente, dando por outro lado huma origem eterna a tudo o que existe no mundo? Usa rectamente da razão o deista, quando por huma parte admite hum Deos, isto he, hum ser infinitamente sabio, e por outro

---

<sup>87</sup> *Ibid.*

<sup>88</sup> A Religião Christã eh a principal Obra da Sabedoria de Deos. **A Voz da Religião**, n.16, abril, 1846. p. 4.

<sup>89</sup> Limites da Razão em matéria de Religião. **A Voz da Religião**, Recife, n.32, p.3-5, ago. 1846. [De *Jornal da Sociedade Catholica*]. p. 3.



nol-o representa como hum Deos insensivel à sua própria gloria, surdo às nossas supplicas, indifferente em nossas necessidades, e cego às nossas acções? Usa exactamente da razão o espinosista, quando pretende que não há no mundo mais que huma só e única substancia; e não he absurdo dizer que nossa alma he substancialmente huma mesma cousa com a materia? [...].<sup>90</sup>

A defesa da harmonia entre a razão e a fé é uma característica da insuficiência da razão para se alcançar o entendimento dos assuntos relativos à divindade e eram uma constante nos textos dos autores ligados à Apologética Cristã.

---

<sup>90</sup> A Religião Christã eh a principal Obra da Sabedoria de Deos, p. 3.

### 3. Os inimigos da Luz: a filosofia religiosa.

Esta terceira parte do trabalho trata da apropriação que o padre Tavares da Gama fez do pensamento de Jean-Jacques Rousseau. Cabe ressaltar que o padre considerava o pensamento de Rousseau um exemplo da filosofia religiosa. A obra de Rousseau despertou sempre muita polêmica entre seus intérpretes. Seu pensamento foi utilizado para defender inúmeras idéias, seja no campo da filosofia, da política e até mesmo em questões religiosas. Neste último aspecto, particularmente, o pensamento de Rousseau é bastante complexo.

Diversos aspectos do seu pensamento foram utilizadas pelo padre para reforçar alguns argumentos religiosos. Por exemplo: “Rousseau ridiculariza repetidas vezes os esforços da Philosophia e da Sciencia para fazer hum homem virtuoso, e diz muito positivamente que – *sem fé não há verdadeira virtude.*”<sup>91</sup>

Entretanto, Tavares da Gama não poupou críticas à Rousseau. As ideias de Rousseau que iam contra os dogmas cristãos foram criticadas pelo padre. Neste capítulo será examinado o esforço de Tavares da Gama em mostrar os aspectos positivos da obra de Rousseau, colocando-o ao lado dos Apologistas, tão caros ao padre como Joseph de Maistre, Louis de Bonald, Chateaubriand, Bergier, Bossuet e Bollanche. Em seguida, será examinada a maneira como Tavares da Gama elaborou suas críticas a Rousseau, concluindo que o filósofo era contraditório.

Segundo Marilena Chauí, Rousseau considerava-se um cristão, defendia a importância da Revelação e do Evangelho e acreditava que o sentimento devia ter mais relevância na condução dos preceitos morais do que a razão.<sup>92</sup> Embora defendesse a Revelação e os livros santos, Rousseau criticava a dogmatização que os eclesiásticos dirigiam aos fieis, concluindo que não poderia haver, entre Deus e os homens, uma mediação. Essas questões revelam a complexidade do pensamento de Rousseau. Suas ideias, assinala Marilena Chauí, não compõem um pensamento sistemático. “E a riqueza e variedade da obra, as frequentes contradições, a repugnância pela sistematização conceitual e a permanente vinculação entre as ideias e os conflitos pessoais vividos pelo autor tornam extremamente difícil uma exposição sintética de sua obra”.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> Extracto de huma carta que o Rev. Mr. Cooper dirigio aos Bispos à cerca do bill dos collegios e da educação religiosa. Instrucção Catholica, **A Voz da Religião**, Recife, n.5, p.6-7, fev. 1846. p. 7.

<sup>92</sup> CHAUÍ, Marilena. **Rousseau, vida e obra**. In: Rousseau, Jean-Jacques, **Rousseau, os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

<sup>93</sup> *Ibid.*

A publicação de *Emílio* e do *Contrato Social* suscitou críticas e esses dois livros foram considerados “altamente ofensivos às autoridades.”<sup>94</sup>

Rousseau criticou a hierarquia existente dentro da Igreja católica, opondo-se à doutrinação que os clérigos utilizavam para conduzir os cristãos. Entretanto,

Rousseau não nega a revelação, pois a encontra na Bíblia e na passagem de Jesus Cristo na terra. O que ele nega é a revelação feita a alguns homens que, com base nela, acreditam-se enviados de Deus e iniciam a missão de proselitismo. Além disso, uma vez instituídas essas religiões, surge um novo problema: esses enviados ou a hierarquia da igreja pretendem-se colocar na posição de intermediários entre Deus e os homens. Essa postura de representação religiosa parece abominável para Rousseau.<sup>95</sup>

Inicialmente Tavares da Gama destacou o que considerava aspectos positivos do pensamento de Rousseau. Ao criticar o deísmo, o padre utiliza-se de uma passagem que credita à Rousseau.

Fugi d'aquelles que com o pretexto de explicar a natureza semeão no coração dos homens doutrinas destruidas, e cujo scepticismo apparente he cem vez mais affirmativo e mais dogmatico do que o tom decisivo dos seus adversarios. Com o arrogante pretexto de que só elles são illustrados, verdadeiros, e homens de boa fé, imperiosamente nos submettem ás suas decisões peremptorias, e pretendem transmittir-nos, os inintelligiveis systemas, que tem fabricado na sua imaginação [...].<sup>96</sup>

Contudo, em outro momento, o padre passa a considerar Rousseau como um representante da Religião Natural, do deísmo.

Despido porem das contradições em que o envolveu, o systema de Rousseau, tendo por dogma fundamental da mesma sorte que o protestantismo, a soberania da razão humana em materia de fé, não he outra couza senão o puro deismo, cujo caracter distinctivo he a exclusão absoluta de toda a revelação.<sup>97</sup>

---

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>95</sup> ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. **Rousseau e o Cristianismo**. Interações, cultura e comunidade. Uberlândia, n.3, n.4, p.73-84, 2008. p. 76.

<sup>96</sup> O Deísmo, p. 51.

<sup>97</sup> O Indifferentismo. Continuação das considerações sobre o segundo systema de indiferença, e reflexões a

Ao dissertar acerca do entendimento de Rousseau em relação ao Evangelho, Tavares da Gama observa: “Rousseau elogia eloquentemente os Livros Santos, consta que os lia continuamente, e a *santidade do Evangelho*, dizia elle, *fallava ao seu coração*. ”<sup>98</sup> Uma parte do texto “Profissão de fé do Vigário saboiano”, da *Emílio* <sup>99</sup>, foi publicada no jornal *A Voz da Religião*.<sup>100</sup>

No jornal *A Voz da Religião* Rousseau é interpretado de forma dual, entretanto, mesmo tendo sido, em certo momento, considerado deísta pelo padre Tavares da Gama, o esclarecimento de Rousseau e de seus escritos continuaram a servi-lhe de base e de norteio. Ao escrever sobre o ateísmo, por exemplo, o padre escreve: “Consultemos o seu *Emílio*. ”<sup>101</sup>

Sahi daqui, eu não vejo senão injustiça, hypocrisia e falsidade entre os homens; o interesse particular, que na occorrença necessariamente se antepõe a tudo, ensina-lhes a ornar o viceio com a mascara da virtude. [...] Sim, eu o sustentarei toda a minha vida, todo aquelle que diz no seu coração – não há Deos – e falla d'outra sorte, não he senão hum mentiroso, ou hum insensato.<sup>102</sup>

---

respeito da Religião Natural. *A Voz da Religião*, Recife, n. 90, p. 298-300, set. 1847. p. 299.

<sup>98</sup> Consequencias da Reforma Protestante, Introdução. *A Voz da Religião*, Recife, n.53, p.1-4, jan, 1847. p. 3.

<sup>99</sup> “Profissão de fé do vigário saboiano” [1762]. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

<sup>100</sup> O Evangelho. *A Voz da Religião*, Recife, n.57, p. 39-40, jan. 1847.

<sup>101</sup> O Indifferentismo. Continuação. *A Voz da Religião*, Recife, n.91, p. 305-308, set. 1847. p. 306.

<sup>102</sup> *Ibid.*

## Conclusão

O jornal *A Voz da Religião* revelou-se uma fonte riquíssima e, embora tenha permanecido desconhecida dos historiadores, mostrou-se profícuo ao revelar detalhes sobre a circulação de textos e ideias em Pernambuco ao longo do século XIX. A redação e a seleção de artigos que compõem o periódico também revelam o perfil intelectual de um eclesiástico esclarecido do Brasil oitocentista. O padre Tavares da Gama teve contato com diversos assuntos que agitavam a intelectualidade europeia e seu jornal, em alguma medida, cumpriu a função de divulgador dessas ideias no Império do Brasil.

O padre apresentou muitos filósofos em seu jornal: Espinosa, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, John Locke, Isaac Newton, David Hume, Shaftesbury, Edmund Burke, Kant, Hegel, Leibnitz, Madame de Staël, Schelling, Diderot e d'Alembert são apenas alguns deles que são mencionados nas páginas do seu periódico. Muitos desses filósofos foram apresentados como blasfemadores e representantes de uma literatura irreligiosa.

Os filósofos da Apologética Cristã mereceram destaque nas páginas do periódico, Joseph de Maistre, Louis de Bonald, Bolland, Bergier e Chateaubriand, por exemplo, compuseram a ala da filosofia católica, a qual o padre buscou defender nos artigos de seu jornal.

Cabe ressaltar que Tavares da Gama não rejeitou totalmente as ideias veiculadas pelos filósofos. O periódico pode ser considerado um exemplo de “uma peculiar articulação das novas ideias à antiga tradição”.<sup>103</sup> Esse cruzamento entre a filosofia moderna e a tradição católica fez-se presente no discurso de muitos ilustrados católicos, quando “eruditos católicos entretinham [...] um frutífero diálogo com a filosofia herdada de Newton e de Locke, participando do clima, opinião e dos debates de seu tempo. Rejeitando o ateísmo, conciliaram os valores cristãos e as conquistas da filosofia moderna.”<sup>104</sup> O jornal *A Voz da Religião*, de alguma maneira, é representativo desse cruzamento.

Por isso, é difícil definir categoricamente o jornal *A Voz da Religião*. Inserir-lo em dicotomias rígidas acaba simplificando muito a complexidade característica do mundo das ideias. Seguindo a lógica do historiador americano Jonathan Israel, o periódico em questão poderia ser considerado como um representante do que, em suas palavras, seria o Iluminismo Moderado, ou seja, o Iluminismo que acabou predominando e reunia autores que conciliaram

<sup>103</sup> KIRSCHNER, Tereza. **José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu**. Itinerários de um ilustrado luso-brasileiro. São Paulo: Alameda, Belo Horizonte, MG: PUC-Minas, 2009, p. 300.

<sup>104</sup> *Ibid.*

a razão com a fé e com a tradição e se opuseram aos filósofos considerados por esse autor como radicais – aqueles que defendiam a primazia da razão.<sup>105</sup> Em alguma medida, o jornal *A Voz da Religião* enquadra-se nessa definição de Israel. Deve-se, porém, estar atento para os perigos de encaixar *A Voz da Religião* em uma categoria tão ampla como, por exemplo, o de desconsiderar a complexidade dos artigos do periódico.

A antifilosofia é muito complexa e ela tem um papel ativo na crítica ao Iluminismo. Ao estudá-la percebemos não só a maneira como os textos filosóficos foram recebidos à época de suas publicações, mas também como foram apropriados em diferentes recortes temporais e geográficos.

Trabalhar com o pensamento de Espinosa, Voltaire e Rousseau revelou-se um desafio, porque esses autores não foram lidos apenas à luz das suas próprias reflexões. O objetivo foi tentar captar as apropriações realizadas pelo jornal oitocentista.

A interpretação de Tavares da Gama sobre a filosofia de Espinosa, Voltaire e Rousseau é categórica. A razão deve estar subordinada à fé e à Revelação. Contrariar esse princípio significa cair no erro. O padre aceitava as ideias modernas desde que não se opusessem aos valores cristãos. Trata-se de “[...] preservar e proteger o que eram considerados elementos essenciais das antigas estruturas, efetuando uma síntese viável entre o velho e o novo, e entre a razão e a fé.”<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> ISRAEL, Jonathan I. **Radical Enlightenment**. Philosophy and the making of modernity 1650-1750. New York: Oxford University Press, 2001.

<sup>106</sup> No original: “to preserve and safeguard what were judged essential elements of the older structures, effecting a viable synthesis of old and new, and of reason and faith.” In: ISRAEL, Jonathan I. **Radical Enlightenment**, p.11.

## REFERÊNCIAS

### Fontes:

#### Periódicos

- A Voz da Religião, Typographia: Recife, 1846.
- Revista do Instituto Histórico de Goiana. Tomo Primeiro. Segunda Série. Goiana: Typographia Commercial, 1871.

#### Livros

- ESPINOSA, Baruch de. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p.
- \_\_\_\_\_. **Tratado teológico-político**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- \_\_\_\_\_. “Profissão de fé do vigário saboiano” [1762]. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VOLTAIRE, **Dicionário Filosófico**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

### Bibliografia consultada:

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. **Rousseau e o Cristianismo**. Interações, cultura e comunidade. Uberlândia, n.3, n.4, p.73-84, 2008

BERLIN, Isaiah. **The Counter-Enlightenment**. In: BERLIN, Isaiah. **Against the Current**. Essays in the history of ideas. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinosa, vida e obra**. In: ESPINOSA, Baruch. **Espinosa, os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

\_\_\_\_\_. **Voltaire, vida e obra**. In: VOLTAIRE, **Dicionário Filosófico**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. **Rousseau, vida e obra**. In: Rousseau, Jean-Jacques, **Rousseau, os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

GARRANDER, Graeme. **Rousseau's counter-Enlightenment**. A republican critique of the philosophes. New York: State University of New York Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **The war against the Enlightenment**. In: NORTH, Richard, **European Journal of Political Theory**. United Kingdom: University of Birmingham, 2011.

GAULTIER, L'abbé Jean-Baptiste. **Les Lettres persanes convaincues d'impiété**, 1751. In: GUYAUX, André. **Mémoire de la critique**. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003.

HIMMELFARB, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade**. Os iluminismos britânico, francês e americano. Brasil: Realizações Editora, 2011.

ISRAEL, Jonathan I. **Radical Enlightenment**, philosophy and the making of modernity 1650-1750. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **Enlightenment Contested: philosophy, modernity, and the emancipation of a man: 1670-1752**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Democratic Enlightenment**, Philosophy, Revolution, and Human Rights 1750-1790. Oxford: Oxford University Press, 2011.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. **José da Silva Lisboa**, Visconde de Cairu. Itinerários de um ilustrado luso-brasileiro. São Paulo: Alameda, Belo Horizonte, MG: PUC-Minas, 2009.

KREIMENDHAL, Lothar (org). **Filosofia do século XVIII**. São Leopoldo: Unissinos, 2004.

KURY, Lorelai (org). **Iluminismo e império no Brasil: O Patriota (1813-1814)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

LOPES, Marcos Antônio. **Voltaire político**. Espelhos para príncipes de um novo tempo. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MELZER, Arthur. **The origin of the Counter-Enlightenment: Rousseau and the New**



**Religion of Sincerity.** USA: The American Political Science Review. Vol. 90, nº 2, 1996.

MASSEAU, Didier. **Les ennemies des philosophes.** L'antiphilosophie au temps des Lumières. Paris: Éditions Albin Michel S.A, 2000.

McMAHON, Darrin M. **Enemies of the Enlightenment.** The French Counter-Enlightenment and the making of modernity. Oxford: Oxford University Press, 2001.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954).** Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 1969.

NORTON, Robert E. **The myth of Counter-Enlightenment.** In: Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, Journal of History of Ideas. Vol.68, nº 4, 2007. p 635-658.

POCOCK, J.G.A. **Barbarian and religion.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SALDANHA, Jozé da Natividade. **Poemas oferecidos aos Amantes do Brazil por seu autor Jozé da Natividade Saldanha, natural de Pernambuco, e estudante do terceiro ano de leis na Universidade de Coimbra.** Coimbra: 1822

SCHULTZ, Kirsten. **Versalhes tropical:** império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SORKIN, David Jan. **The Religious Enlightenment:** Protestants, Jews and Catholics from London to Vienna. Princeton: Princeton University Press, 2008.

STERNHELL, Zeev. **The anti-enlightenment tradition;** tradução de David Maisel. Yale University: 2010.

WITHERS, Charles W.J. **Placing Enlightenment.** Thinking geographically about the Age of Reason. Chicago e Londres: The Chicago University Press, 2007.

### **Declaração de Autenticidade**

Eu, José Lourenço de Sant'Anna Filho, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Inimigos da Luz, a antifilosofia no jornal brasileiro A Voz da Religião*, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 30 de agosto de 2013,

---